

092TL

IMPACTO DA RESISTÊNCIA À PENICILINA NA EVOLUÇÃO CLÍNICA DE PACIENTES COM MENINGITE PNEUMOCÓCICA EM SALVADOR, BAHIA.

Edilane Gouveia, Alan B. Neves, Soraia C. Machado, Josilene B. T. Lima, Joice N. Reis, Mitermayer G. Reis, Albert I. Ko. Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz – FIOCRUZ/MS, Hospital Couto Maia – SESAB, Cornell University Medical College -USA.

Introdução: A doença pneumocócica continua representando importante problema de saúde pública em nosso meio. A meningite, sua forma de apresentação mais grave, apresenta altas taxas de letalidade mesmo diante de terapia adequada. Em adição, o aparecimento de *Streptococcus pneumoniae* resistente à penicilina tem gerado dificuldades para o tratamento desta patologia. Entretanto, ainda é questionável qual o papel da resistência aos antibióticos no curso desta doença. **Objetivos:** Este trabalho tem como objetivo avaliar o impacto da resistência à penicilina na evolução clínica de pacientes com meningite pneumocócica. **Material e Métodos:** Entre dezembro/1995 e novembro/2002 foram identificados todos os pacientes com sinais e sintomas de meningite que apresentaram cultura do LCR positiva para *S. pneumoniae* avaliados no hospital estadual de referência para doenças infecciosas em Salvador. Dados clínicos e epidemiológicos foram obtidos através de revisão de prontuários. O teste de Microdiluição em caldo foi utilizado para obter a susceptibilidade antimicrobiana. *Streptococcus pneumoniae* foi considerado com resistência intermediária à penicilina (PNSSP) quando apresentava MIC entre 0,1 e 1,0 mg/ml, e alta resistência com MIC > 1,0mg/ml. Na análise univariada foi calculado RR para avaliar associação entre diversos fatores e resistência à penicilina. Análise estratificada por idade (≤ 2 anos e > 2 anos) foram realizadas para verificar a existência de confundimento. **Resultados:** Entre dezembro de 1995 e novembro de 2002, foram identificados 490 pacientes, 15% (75/490) apresentaram resistência intermediária à penicilina, todos foram sensíveis à cefotaxime. Pacientes com idade ≤ 2 anos representaram 44% (216/490) do total. Esta faixa etária apresentou associação importante com isolados não sensíveis à penicilina em comparação com maiores de 3 anos (28% vs 7%, RR=5,1 IC= 2,8 – 9,4, $p < 0,0001$). A letalidade foi de 35,5%, sendo 36/68 (53%) entre aqueles com sensibilidade intermediária à penicilina e 126/358 (35%) entre os sensíveis ($p=0,005$). A alteração no estado mental na admissão foi mais freqüente entre os pacientes com isolados não sensíveis à penicilina (57% vs 41%, IC=1,1-3,2, $p=0,01$). Outras variáveis como: admissão em UTI, período de hospitalização e duração dos sintomas antes do internamento não apresentaram diferenças entre os dois grupos. Ao estratificar os dados, nos ≤ 2 anos tanto a letalidade (57% para os não sensíveis versus 58% para os sensíveis), como a alteração do estado mental na admissão (61% vs 45% respectivamente) deixam de ser estatisticamente significantes $p= 0,86$ e $p= 0,06$. Entre os > 2 anos, a letalidade foi de 40% para aqueles com isolados não sensíveis à penicilina e 20% para aqueles com bactéria sensível ($p=0,07$), e alteração no estado mental na admissão da mesma forma, deixa de apresentar associação com resistência intermediária à penicilina ($p=0,88$). **Conclusões:** Em nosso estudo, a resistência intermediária à penicilina aparece associada com idade ≤ 2 anos, apresentando-se como variável de confundimento nas associações com letalidade e alteração estado mental. Esses dados sugerem que os pacientes com meningite pneumocócica apresentaram evolução clínica semelhante independente da sensibilidade do isolado à penicilina.